



# Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

Casa do Gaiato do Pôrto

(Cele) PAÇO DE SOUSA

Director, Editor e Proprietário

PADRE AMÉRICO

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Tip. da Casa Nun'Alvares

R. SANTA CATARINA, 628—PORTO

## DOS DIREITOS DA

## CREANÇA

**T**IVEMOS a visita, em Paço de Sousa, de uma família do Pôrto, a quem tínhamos antes confiado um dos nossos Gaiatos, com esperanças no seu futuro. O pequenino, hoje pupilo dêles, veio também e abraçou fortemente os antigos companheiros.

Esta família é estrangeira, sobejamente conhecida dos Tripeiros, se aqui se dissesse o nome. Andaram a ver, indagaram coisas: tomamos café com leite, conversamos.

Soube por êles, que na Pátria dêles, não se compreende a escola primária sem a cantina ao lado. Soube mais que não é por fôrça obrigatória de qualquer lei ou postura; é convicção pura e simples de cada um dos habitantes.

A escola levanta-se, a cantina idem, e logo aparece no povoado a *Mulher da Cantina* com seu carinho de mão, a recolher gêneros para a sopa dos rapazes. Pão e instrução são ovos de duas gemas e só as duas é que formam alimento completo. Raciocínio simples, que o povo daquela nação toma para si, vai com êle direitinho à verdade como um tiro de espingarda — e acerta.

A Cantina escolar, naquela Nação, não é obra do brasileiro; é obra do Povo. Ninguém exalta o acto; as gazetas não falam; a Pátria não elogia; o contribuinte não se deslumbra. Cumprem o seu dever qual servo do Evangelho e vão para a cama à noitinha, cansados e felizes.

Ele foi sempre costume de portugueses, dizer mal de Portugal, mesmo que lá por fora se diga bem, como hoje sucede. Ainda há dias, num comboio, um grupo de portugueses chegados do estrangeiro, desancaram, prenderam, fizeram sangue. Nem o sol escapou! Lá fora é que é. Sim; é costume de portugueses.

«O Gaiato», porém, portuguesíssimo como é, não diz mal. Repara, denuncia, deseja, trabalha; sobretudo trabalha por uma Pátria melhor. Este periódico, é cabeça de casal; defensor activo dos direitos da Creança. Não dizemos mal; choramos, sim, o mal dos portugueses, neste caso particular. A Sociedade deve pão e instrução aos filhos de ninguém, que por isso mesmo são os nossos filhos. Que todos se venham aqui desobrigar, a começar pelos mais afortunados.

As nossas escolas, que já hoje se apresentam de linhas airoas e elegantes, ainda são sómente escolas. Não se nota nem se sente a falta da cantina anexa, como parte integrante, dever de função. Antes, muito ao contrario, a nossa pobre gente admira, espanta-se, aponta o dedo e assinala a rara cantina escolar que aparece, como se fôra um corvo branco! Instrução sem pão, não paga a dívida total.

Se as pedras estão fora do seu lugar, onde a beleza mai-la segurança do edificio? Respeite-se o direito da creança: — pão e instrução.

Eu sei de muitas creanças rurais, que não frequentam a escola, por não terem que comer nem que vestir. *A nossa mãe não faz caldo*, dizia-me um pequenino dos caminhos, a quem eu perguntei porque não fôra à aula. Estes são os analfabetos de amanhã, que levam a vida inteira a pedir que lhes leiam a carta, o que já não é pequeno mal. Mas nas cidades,

é muito pior. Ali, o que não fôr à escola, além de ignorante torna-se necessariamente um vadio. São os perigosos, de amanhã.

No processo ou ficha da creança em perigo moral, que chega a ser chamada a inquirições, vem a pergunta da escola e a resposta a dizer que não frequenta, fica-se, em regra, satisfeito com o preencher do papel e manda-se avançar outra! Salvo melhor opinião, é outro mal. Melhor seria trabalharmos todos para que não avançassem mais creanças, ou que o numero fôsse menor. Assim, sim. Estudar a origem do mal, é medir a altura das coisas. Não sejamos superficiais!

Não vai à escola por não ter pão. Por não ter pão se fez vadio. Por não ter pão se torna perigoso. E nós chamamos amanhã a contas, na barra dos tribunais, aqueles mesmos a quem não demos pão em pequeninos!

Ai que se a cada um de nós fizesse doer a sorte e o destino da Creança da rua, teríamos seguramente um Portugal, não maior, nem é preciso, mas melhor. Não acabariam os indesejáveis, que êles são um mal necessário, mas acabaria a injustiça dos bons; que isso é um mal livre — o verdadeiro Mal. Ora aqui está onde eu quero chegar.

Outro mal que se me afigura ser nosso, é o pedir-se e esperar-se que a Policia de Segurança nos segure do risco de sermos importunados nas ruas, pela Creança das ditas. Arma facil, esta de que se lança mão. Seriamos muito mais humanos e muitissimo mais felizes se compreendessemos bem qual o valor social dos nossos irmãos pequeninos.

Cristo Jesus nunca ofastou nem consentiu que outros afastassem dEle, as creanças do seu tempo, que são as mesmas de hoje!

Dizem para aí que corre perigo a civilização cristã, e é muito verdade. O mal está cá em casa. Não se tomam as lições do Mestre.

Os altos funcionários da Policia de Segurança compreendem e sentem, magoados, a situação destes delicados rebentos do nosso corpo,—e procuram acudir-lhes. Eles teem coração.

Quando eu declarei no Comando Geral da Policia, que estava apto a receber 40 garotos da rua, vi com os meus próprios olhos, nos olhos do Comandante, a imensa alegria que a noticia lhe causou.

Toma imediatamente de sôbre a mêsã o auscultador, liga, dá ordens, aplaina, comanda, — quere agasalhar os inocentes, dar-lhes um bem melhor.

Um pequenino que hoje é meu, vadiou largos tempos, sem familia nem beira, em uma comarca de Portugal. Dormia nas mangedoiras e aquecia-se ao bafo dos animais.

—A Policia que tome conta! Eis o triste remédio que aquele povo encontrava, para tamanho mal.

Chamas a Policia para te livrares do perigo das creanças abandonadas? Pois não te livras de outros muito maiores!

## Assinaturas PAGAS

Pagaram adiantadamente e generosamente os senhores: João Bastos, do Estoril, 50\$00; D. Maria Canavarro, de Castendo, 25\$00; Padre Domingos da Costa, de Guimarães, 20\$00; Carlos, Augusto e Manuel Cunha, irmãos do Pôrto, 250\$00, 100\$00 e 500\$00, respectivamente; D. Adriana Pinto Costa, 50\$00; Manuel Barreto Costa, outro tanto; Jacinto Furtado, o mesmo; Mario Burmester, idem; Jaime Santos, 20\$00; Gustavo Burmester, idem; Engenheiro Furtado, idem; Vasco Burmester, mais 10\$00; Mario Martins, o mesmo; Luiz Ferreira, 50\$00; Custódio Pereira, menos 20\$00; Pedro Batista, 20\$00; Henrique Pascoal, o mesmo; Edgar Lello, idem; Maria Bartosch, 50\$00; António Braga, idem; Branca Dias, da mesma sorte; M. Gilberto, 30\$00; Alvaro Burmester, mais 20\$00 — todos residentes no Pôrto; Filomena Inácio, de Baltar, 40\$00; Palmira Alves Pessoa, da Poca-riça, 50\$00; Joaquim Sequeira, do Pôrto, 30\$00; José Lelo, idem, idem; Henrique Grandão, idem 20\$00; Henrique Rocha, idem, 50\$00; António Bessa Ribas, do Pôrto, 100\$00; António Biscaia, Figueira da Foz, 30\$00; Arnaldo Furtado, do Pôrto, outro tanto; Padre J. de Aguiar, da Calçada, 25\$00; Aloisio Campos, de Paço-de-Sousa, o mesmo; Roberto Tinoco, do Pôrto, 20\$00; e a mesma quantia de Aldo Andrade, também da Invicta; Dr. Amaral, de Coimbra, 50\$00; Livio Pinho e Miguel Horta e Costa, um da Foz e outro do Pôrto, 20\$00.

# NOTÍCIAS DIVERSAS

Chegou pelo seu pé aquele garoto de Lisboa, que antes escrevera, pedindo guarida. Tinha-lhe dito que esperasse por mim, na Capital, mas ele não atendeu, tamanha a pressa de ser mais um.

O combóio veio à tábela; 11 horas em Cête e um nadinha depois, batia-nos à porta o glorioso errante.

—Sou de Moimenta da Beira, de onde fui para Lisboa em pequenino, viver com meus Pais, que ora me abandonaram.

Quis saber mais; saber tudo. O adorável garoto senta-se e relata, com linguagem acentuadamente alfacinha. Está à vontade. Parece que somos amigos velhos. Uns olhos negros falcam tal doçura, que eu murmurava muito baixinho: Senhor do Céu; que império não tem o vício, para levar assim de vencida e trocar pelo amor santo do filho, a paixão do concubinato!

—Olha, meu filho. Vou pedir informações. Se não falas verdade, regressas.

—E se for verdade o que eu digo você quer-me?

—Sim; quero.

—Já sei que sou da casa!

O Pequeno, passa das minhas às mãos do irmão cicerone, que indica leito e mesa; e a seguir, vai ter com o irmão chefe, que lhe marca trabalho. Nessa mesma tarde, foi visto a cefar erva para as nossas vacas, na companhia dos mais, delirante. A vida da natureza, tem uma acção espantosa sobre a creança das ruas; é um tónico da alma.

Vieram notícias de Lisboa. Os Pais desavindos, tinham realmente sido chamados ao Tribunal de Menores, onde correu sentença de tomar o pai conta do filho;—como se fôsse necessário ouvir dos mortais, a eterna sentença dos casados!

Quaisquer contas que se apurem nos Tribunais da Infância, por amor dos desavindos, saem sempre erradas, — sempre. Melhor é que se ajustem em casa. Se se trata de gente rica, é luto na família, se de pobre, é desgraça no mundo.

● O nosso Carlos Alberto, teve há dias um pequeno deslize. Ele é de Lisboa, onde foi estrela das ruas, com dias de calaboiço na fôlha de serviços. São os melhores, estes garotos deliciosos e irrequietos.

O rapaz é chefe de dormitório. Merece o posto pela sua aplicação na aula, atenção nos trabalhos e forte personalidade que tem.

Toca um arco nas horas vagas, que lhe fez o Luciano. Quem quiser de um garoto recado urgente, não meça tempo nem distâncias; dê-lhe um arco! O arco, por ter a beleza do círculo, diz bem na beleza da creança!

O Chico não tem arco. Este é o mais novo dos 3 irmãos que nos vieram de Abrantes e que ali fôra encontrado em pequenino, lábios colados ao seio da mãe,—e esta já morta!

Não tem arco o Chico e morre por ele. O coiso, deixa-me andar um bocadinho.

Andou. O Carlos Alberto disse que sim, mas fez negócio. Meia hora de arco por 4 figos. Ora aqui é que está o deslize.

Chamei-o a contas: Não esperava isto de ti. Falei: Hamedeceram-se-lhe os olhos. As lágrimas disseram alto da sua nobreza. Ontem, nas ruas, estrela apagada. Hoje, brilhante, na Casa do Gaiato.

● O Periquito, tem prejudicado a promessa de ir ao Pôrto, por ser um cabeça-no-ar. Já tem sucedido ter dia e hora marcados, que ele leva muito dozeitinho até à véspera, mas difficilmente se gura até ao fim:—Já não vai!

Chora, resigna-se e reage.

Este catraio dá fé de tudo, espreguita, acode. Na escola, no campo, nos jogos, vai sempre na vanguarda apontando, inquieto. Denuncia. E uma vez, no dormitório e já deitado, deu fé de uma cama vazia,—a do Zé Poveiro. Não é ele o chefe, mas isso não interessa. Levanta-se num rafo e vai por todos os cantos da casa, em trajos menores até dar com o desaparecido, que adormecera entre umas sacas de farinha!

Entraram, de uma vez, galinhas de fôra dentro dos nossos muros. Quem ol, num instante, corrê-las à pedra?

O Periquito.

Quem matou um galo?

O Periquito.

Pudera ter-se calado e acasar os outros. Podia, sim, mas não. O Periquito é

generoso. Relatou fielmente e foi levar a ave morta ao dono, a quem pediu perdão.

Esta foi uma das ocasiões em que ele teve promessa de ir à cidade tomar chá e bolos, por haver falado verdade e mostrar-se arrependido. Marcou-se, até, o dia. O Periquito tem ironia.

—Eh pá, vou ao Pôrto com o P. Américo tomar chá e comer bolos.

—Porquê?

—Matei um galo.

E' um dos da rouparia, o Periquito. O sábado, é dia das peugas, que ele ponteia, enfiadas numa bola de madeira. O que vale, é que os companheiros não são nada exigentes no acabamento dos seus trabalhos!...

Traz de ponta o Pardal-sem-rabozinhas antigas; e sempre que sucede passar nos corredores o seu adversário, Periquito vem à porta com o trabalho nas mãos e berra;—eh pardal, vai comer painço!

Era um ladrãozinho de categoria, com graves faltas no seu activo. Ninguém pode afirmar o que virá a ser este simpático garoto,—ninguém. Mas é fácil presumir o que ele será, se não fôsse hoje nosso. Dentro de grades de ouro hoje, livra-se das de ferro, amanhã.

● O Amadeu é o nosso pequenino visitante de Pobres. Sai de casa muito contente, levando à cabeça o cesto com pão ou farinha; ouve e conta em casa as palavras gratas de quem recebe as esmolas;—e aprende a dá-las também.

E' nosso intento formar nas comunidades das Casas do Gaiato e em cada

uma delas, um pequenino grupo de visitantes dos Pobres. Aprende assim o pequenino a ser generoso.

Conquista a simpatia do mundo. Atrai necessariamente a benção do Céu.

● O Fernando, que não sei quem é, leu e interessou-se pela lista dos Gaiatos que fizeram anos, como se disse no numero derradeiro; e vai daí, mandou, para o António um casaco e camisa da Mocidade. Obrigado, Fernão.

● Dentro de um outro pacote, anónimo, vinha uma gaita sonora com o nome do Periquito,—mas ele não sabe tocar! Guarde-se, até aparecer quem saiba.

● Nas nossas casas não se proibe a ninguém a entrada nas dependências; os filhos são livres. Mas ele há certas, onde os rapazes não devem entrar, por causa da ordem, vindo a cozinha em primeiro lugar. Ela é furiosamente apeteecida; eles fazem tudo para merecer uma obrigação junto das panelas. Qual é o nosso uso? De entre os cozinheiros em exercício, há um que é bastonário e vigia. Se algum rapaz entra na cozinha sem ser ali cha-



Ontem, apanhava pontas nas ruas; hoje trata do asseio da casa

mado, anda logo a cana nas orelhas. Alguns são bravos e refitam. Um que cá temos do Ribatejo, atirou-se de uma vez às barbas da autoridade, em plena função. Outros há que se retiram malhumorados, com ameaças tenebrosas: — Deixa, que eu dou-te lá fôra o arroz! Mas não dão coisa nenhuma. São muitos frangos dentro da mesma capoeira e nada mais.

## VISITANTES

CONSIDERAM-SE amigos da Obra todos quantos quizerem visitar a Casa do Gaiato e vemos neles uma fonte de receita duplamente proveitosa. O P.<sup>e</sup> Flanagan de Omaha, Nebraska, tem um corpo de cicerones na sua «cidade dos rapazes», que nada mais fazem do que mostrar e explicar. O jornal da cidade, «The Boys Town Times», informa os seus inumeros leitores, que nos meses de verão aparecem legiões de visitantes de todos os estados da América, sem falar nos das cidades de outros continentes do mundo.

Homens ilustres, informa ainda a mesma gazeta quinzenal, ficam na hospedaria da cidade, em convivio com os seus habitantes, o que tudo somado, representa receita a balançar despesas.

E daqui vem que o P.<sup>e</sup> Flanagan pode realizar a sua obra de 375 rapazes, sem o auxilio do Estado, como ele ousadamente declara.

Nós não somos do país dos dolars, mas a grande alma dos portugueses, junto à pobreza dos seus escudos, muito pode fazer na sua terra, para conquistar dentro dela, um Portugal melhor. Fazei romaria a Paço-de-Sousa. Fica a 5 minutos da estação de Cete. Há, do Pôrto, comboios convenientes, todos os dias; e se és afortunado, tens um carro ligeiro.

O nosso actual cicerone, é o Julio d'Elvas. E' infantil, pela sua idade e pela sua graça. Acompanha os visitantes; explica com alma, como quem fala de coisa sua, para os da sua grei. Não é o classico cicerone dos museus, hirto e enfarpelado, a falar de coisas mortas, — morto. Não é.

Este Julio tem uma história. Todos os habitantes da aldeia a têm, por vezes tão triste, e feita quasi sempre, da tua história...! Ei-la: Rogaram-me, de Elvas, para receber um pequenino abandonado. Já tínhamos um na Casa de Miranda, e disse que não. Insistem. Pintam a vida da creança. Perguntei se no Alentejo não havia casas onde recolher creanças das ruas. — Que não!

Oh terra da imensidade! Imensidade de porcos; imensidade de cortiça; imensidade de trigos; herdades que a vista não abrange; riquezas que não sabes contar — guardas dentro do teu seio mais esta deplorável Imensidade!

O pequeno seguiu para Coimbra e dali, para a estação de Miranda, onde tinha cama feita e mesa à espera. Foi recebido no fundo da quinta pela multidão dos futuros companheiros, que o chumbam com perguntas, ansiosos de saber. Vai se não quando, nota-se que o rapaz abraça um dos presentes, delirante de lágrimas e de gestos.

— Que será isto, meu Deus?!

Eram irmãos! Encontraram-se debaixo das mesmas telhas os dois pequeninos extraviados, hoje unidos em sua casa!

A Lareira d'Elvas, desde há muito apagada, foi substituída pela de Paço-de-Sousa, onde ardem labaredas; — que o amor é fogo!

Tudo isto são panoramas sociais, que podes gozar nas visitas aos felizes Gaiatos de Paço-de-Sousa, — nossos filhos abandonados, nas ruas e nos caminhos! Se quizeres deixar cartão de visita deixa; mas só ele, não. Eu não faço casas de papelão.

— Pede-se o favor de não dar nada às creanças em particular. Nada.

## Pontos nos is

Entre as cartas de todos os dias a pedir vez, aparece agora e logo a da mãe que quer servir, mas não pode por causa do menino e o remate final de que ele, o dito menino, é um amor de creança.

Outras vezes, é a viuva honesta, que se apresenta diante da gente com dois filhos pela mão e um ao colo, a dar as suas razões. Tão aflita vem ela, que nem atende os nossos. Nada mais doloroso. Quantas vezes não tenho eu chorado ao pé delas, de dôr, e suportado o agulhão do mundo que passa: — «Olha, aquilo é que é caridade!»

Mas nem por isso me sinto infeliz e hei-de continuar a fazer toda a violencia interna e externa para não misturar alhos com bogalhos.

Para os filhos da viuva o orfanato.

Para os da delinquente, a Lei que chame à pedra o homem que delinqui.

Para os filhos da rua, as Casas do Gaiato.

Assim, sim.

## ATENÇÃO

O «Pão dos Pobres» é um livro do Padre Américo, que já vai no 3.<sup>o</sup> volume, alguns dos quais em 2.<sup>a</sup> edição. Nêle se conta de como nasceram as Casas do Gaiato, de como nós deixamos cair o Pobre e de como Ele se lamenta.

Adquire hoje o livro.

Vende-se nas Livrarias do País. Alguns costumam dizer que se encontra esgotado. Não é verdade; é preguiça. Que peçam à Casa Castelo, de Coimbra, onde há milhares de exemplares.

Do

C

D

entrar :  
cuidar  
e quero

pedir n  
acredita

quem c  
ninguém

A verd

Br

No

O «Ga

de Coiml

Os mil

do Pôrto

às mãos

à cidade

Carlos,

este últir

prática c

nhece o

vende na

Na vil

dois pas

tambem :

zias e r

da mesm

■ Nôs

Casa, qu

é gaiato

gaiato e

E' o mé

coral. C

malta, el

peças, li

car. Ens

pequenos

afinados

nova cap

do à or

do lugar

de dizer

jas. Vão

ceguinho,

pelo pres

que está

fora, no

pode mu

pela voz

conhecer

Deus. Q

da boca

o louvor

ceguinho,

enche a

vai para

ninos pa

os seme

com os r

tenha ca

para tras

De un

Tudo pr

ela? O

# Do que se diz e do que se faz na Casa do Gaiato de Coimbra

**D**E hoje em diante, nesta página do jornal, debaixo destas letras, hão-de os leitores saborear as coisas que se passam na vida doméstica da nossa pequenina grei de Miranda do Corvo e o meu colaborador, Padre Adriano, vai tomar a palavra, tendo dado começo já neste segundo numero. Ele tem jeito e tem paixão. Tem de trabalhar comigo; não estou cansado dos desenganos, mas sim dos anos.

Logo que o meu companheiro do Pôrto, também sacerdote da nova lei, entrar no efectivo, passo-lhe a caneta para as mãos, afim de ter mais tempo livre de cuidar da vida do pobre, pois que foi em casa deles que eu ganhei as esporas de ouro, e quero ganhar também o Céu.

Havemos de dizer, deste mirante, tudo quanto possa interessar o mundo, e pedir mais humanidade para a causa a que nos devotamos. O mundo acredita; tem acreditado desde o princípio da campanha a favor da creança das ruas.

Milhares de contos têm passado pelas nossas mãos pecadoras. Nunca dissemos quem deu, nem tão pouco a quem vamos dar. Com este silencio de contas, nunca ninguém poz em dúvida o destino que se dá aos dinheiros, — tal o poder da Verdade! A verdade revela e revoluciona. E' uma revolução pacífica.

## Breves Notícias

O «Gaiato» foi vendido nas ruas de Coimbra, com deslumbramento. Os mil exemplares que chegaram do Pôrto, passaram num instante às mãos dos compradores. Foram à cidade, da Casa de Miranda, o Carlos, o Albino e o João-Carlos; este último, *lisboeta* genuino, com prática de venda de jornais. Conhece o terreno que pisa, quando vende nas ruas a letra de imprensa.

Na vila de Miranda, que fica a dois passos da Casa do Gaiato, também se venderam algumas duzias e mais longe, na de Louzan, da mesma sorte.

■ Nós temos um ceguinho em Casa, que é um facho de luz. Não é gaiato pela idade, mas faz-se gaiato e conquista-os um por um. E' o mestre de música e canto coral. Com infinito espanto da malta, êle abre o órgão, tira as peças, limpa, afina e torna a colocar. Ensaia todas as tardes. Os pequenos adoram a música, cantam afinados e dizem bem na nossa nova capela. Mais. Eles têm atraído à oração da noite muito povo do lugar, que não era nada gente de dizer o terço nem de ir às igrejas. Vão levados pelo tocar do ceguinho, pelo cantar dos garotos, pelo presidir daquele de entre êles que está de serviço. Comentam fora, no largo, com entusiasmo; e pode muito bem acontecer que pela voz das creanças venham a conhecer melhor o nosso Bom Deus. Quem sabe! E' justamente da boca das creanças que provém o louvor aos Ceus! Mas o nosso ceguinho, para tornar ao principio, enche a nossa casa de alegria. Ele vai para o campo com os pequeninos pastores, para a horta, com os semeadores, para os montes, com os roçadores;—e já tem ido à lenha caída, *vigiar* que nada fique para trás!

De uma vez faltou uma caneta. Tudo procura. Quem foi dar com ela? O ceguinho! De outra vez, o



A jumenta da casa, dá que falar e que fazer

carpinteiro Acácio perdeu a lata da cola e vá de procurar por todos os cantos.

— Você parece que não tem olhos, diz o ceguinho:—olhe aqui! E' assim o nosso ceguinho!

Deseja muito um piano; é mesmo a sua especialidade. Mas nós somos tão pobres e temos tanta necessidade de pão, que se tu o não ofereces, o ceguinho jámais tocará.

Temos um da Covilhã e êste gaiato, que é muito doente dos olhos. Diz êle que tem assim mais irmãos. E' o das ovelhas, por não poder com outros trabalhos. Além do pequenino rebanho que nós temos, leva igualmente consigo os mais pequeninos, que por isso não têm obrigação, e enquanto as ovelhas pastam, êles brincam no campo e catam bichos nas flores.

■ Uma família distinta do Pôrto tomou conta do nosso Avelino. Deixou muitas saúdes em todos os seus companheiros. Tem-nos mandado boas noticias.

■ Entraram há pouco, mais dois gaiatos: o Fernando de 10 anos, de Coimbra, com o padrasto no Limoeiro e o Luiz, de 7 anos, de Condeixa.



Enfermeiros por amor

■ Agua direitinha da fonte, é a nossa botica; raras vezes recorremos ao saber dos mestres.

Coisas mais importantes, são da conta do pequenino enfermeiro.

ESTE NÚMERO DE  
"O GAIATO"  
FOI VISADO PELA  
COMISSÃO DE CENSURA

## O que nos traz o CORREIO

50 escudos em cumprimento de um voto.

50 para que Deus continue a ajudar a obra.

300, de Coimbra de um Sócio Subscritor Benemérito.

100 de Coimbra «em sufrágio da alma do nosso inolvidável Director para essa prestimosa instituição».

50 na penumbra duma Igreja de Coimbra, para a «Casa do Gaiato».

20 e um fato para o Pepe estreir no dia de S. José, já que desconhece o dia aniversário natalicio.

*Este Pepe é aquele nosso filho, hoje na Casa do Pôrto, que tudo quanto sabe dizer de si mesmo, é que lhe mataram os Pais no massacre de Badajós — e não diz mais nada — nem é preciso para ser um herói aos olhos de quem fôr capaz de se compadecer.*

*Alguem de Lisboa, com nome, sim, mas que o não diz, costuma sempre mandar ao Pepe a prenda de anos no dia de S. José. Ele está a ficar um homenzinho. Estuda primeiras letras e é o ajudante do nosso padeiro.*

Roupas e agasalhos de Seminaristas que querem suportar o frio do resto do inverno por amor dos nossos pobres. Obrigado Rapazes! Nunca vos eis de arrepender do vosso desprendimento.

20 para a «Casa do Gaiato» na Gráfica.

20 na mesma, de uma viuva, leitora de todos os escritos do Snr. Padre Américo.

## Cantinho dos Pobres

Diariamente ao fundo da nossa escada, como outrora à porta dos conventos, junta-se uma multidão de miseráveis de toda a espécie a implorar um pedacinho de pão, uma peça de vestuário, um agasalho contra o frio.

Não raro o pobre sucumbe ao peso das privações e da doença e então manda-nos recado para lhe levarmos o conforto duma palavra e qualquer auxilio material.

Este cantinho será o lugar de exposição permanente de tais privações.

O mês de Março abriu logo ao nascer do sol, com este bilhete que um gaiato nos trouxe: «Dia primeiro. Pedia abossexelencia se me manda a esmolinha já estou à 8 dias de cama sem ter que comer pedia abocexilencia se tinha pena de mim. Não tenho ninguém...»

Não acreditei e segui o gaiato. Fui dar com o nariz na célebre Cova Funda do Pai dos Pobres. Indiscritível!

Levar dinheiro quando se entra nestas tocas, é mais perigoso do que levá-lo para uma conferencia do P.º Américo. E' tal a miséria, que a gente dá tudo quanto leva e fica com pena de ser tão pouco.

# NOTÍCIAS DO LAR DO PUPILO DOS REFORMATÓRIOS

**A** missão do educador que abre os caminhos da vida, no campo variado da alma, aos seus subordinados, é semelhante à do explorador de regiões desconhecidas que abre caminho através da mais variada flora, com dificuldades diferentes, consoante o terreno que calca.

O papel das mães assemelha-se ao do jardineiro que colhe flores em canteiro florido — tarefa fácil e agradável; — mais difícil, mas não de modo algum impossível, é a missão do chefe nas Casas do Gaiato. Esse tem de desbravar selvas incultas onde encontra por vezes espinhos agudos mas sempre flores raras de virtude em paisagens encantadoras de beleza moral.

No Lar do Ex-Pupilo tudo muda de figura. Aqui a nossa missão é a do soldado que abre brecha através de sebes contínuas de arame farpado. Mas enquanto que o soldado lida com explosivos e o que não vai a bem, cede à violência dos canhões, — nós lidamos com almas nas quais se não toca nem com uma flor.

Direi então melhor que a missão do dirigente é a do Bom Pastor do Evangelho que vai à procura da ovelha perdida e, uma vez encontrada, carinhosamente a arranca aos espinhos de aço que a envolveu, deixando-se ele talvez ferir para não magoar a pobre ovelha.

Missão difícil, quasi diria heróica, mas de efeitos palpáveis.

Eis um exemplo:



O rebelde de outros tempos

Endiabrado entre os endiabrados, foi este rapaz.

Basta dizer que correu com ovos chocos e fruta pôdre os filhos do Director do Liceu que frequentava; estilhaçou inúmeros vidros de automóveis e casas da capital; mais ainda: alvejou, com uma pedrada certa, as pernas do Sr. Cardeal Patriarca, junto do Hospital do Rego.

Muito arrependido, já não é vadio de ontem, nem será o homem de amanhã porque o é já hoje!

Com o aparecimento de «O Gaiato» reina grande entusiasmo nesta Casa. Todos lêem e relêem os próprios nomes escritos em letra redonda. Pudera! Se para eles tudo foi sempre torto...

O João é que não ficou muito contente. Não gosta que se saiba que é sapateiro, e, ali,

## Um Episódio

**A** caminho de Lisboa, encontramos prostrada, á porta da igreja dos Congregados, uma criança da rua. Eram duas da tarde. Pessa o turbilhão daquela hora e daquele lugar. Gente piedosa entra e sai do templo, não se podendo bem afirmar, se será capaz de compreender o Jesus do Altar, quem o não viu á entrada, pequenino, estendido com fome!

Tomamos o garoto de baixo da capa, e fomos por ali fóra até um Restaurante.

— Que não.  
— Oh meu senhor; toda a casa é própria, para dar de comer aos famintos.  
— Já disse. Aqui não se dá de comer a ESSA GENTE.

E ele estava a comer! Saimos ambos. Perto há uma tasca. Enquanto atravesso a rua, amaldiçoei o espanhol e disse para os meus botões, que na hora derradeira, diante do Tribunal de Deus, a causa «daquela gente» há-de ter melhor e mais facil defesa, do que a nossa!

Sentamo-nos. O catraio comeu, e comeu, e comeu. «Basta, meu filho que te faz mal».

Eram horas do Rápido; tinha de me ir embora. Tempo e marés, não esperam. O Pequenino fez-me uma ferida no coração que sangrou toda a viagem!

Dia-depois vai o nosso Manuel ao Albergue Distrital, buscar pequenos da pedincha das ruas. Trouxe cinco. Era noite. Estavamos todos a ceiar, no imenso refeitório dos frades. Há dois focos de luz.

Acolhimento fervoroso. Espanto. As perguntas faiscam.

Nisto, um dentre os recém-chegados, levanta a mão, aponta a mesa do fundo e grita:

— Oh rapazes; aquele senhor deu-me de comer! Tinha-me feito uma ferida no coração. Veio curá-la, com pena de mim!

estava com tôdas as letras: João, sapateiro.

Ora bolas — comenta — ainda se o Pai Américo lá escrevesse — *botântico*...

Retirou para a Vida Missionária o Manuel Simões. Era do Reformatório de Caxias. Felicidades!

## Do que nós necessitamos

Muito acima e além do barrote e do tejo que no número passado aqui se pediu, um senhor mandou-me lançar na «aldeia» os alicerces da Enfermaria, por sua conta e risco. Falou-me tão baixinho; fê-lo com tal recato, que nem a própria mão esquerda deu fé da direita. E ele não há no Pôrto calçada ou viela que o não conheça, de o ver passar!

Tem agora vez, quem pretender falar ao edificio das oficinas. Eu acho que não há no mundo capital mais b m empregado, do que aquele que rende para o bem de todos; particularmente o da creança abandonada, fiadora da nossa roca!

Mais uma pancadaria de loiças de porcelana. Mais, no combóio, um tome lá 20\$00 para os seus pequenos. Mais metade nrs ruas do Pôrto. Mais um aqui tem duzentos em Coimbra. Mais um cheque de 100\$00. Mais outro tanto por carta e o mesmo da mesma sorte. Mais duzentos litros de azeite e mais trinta idem, dos lados de Coimbra — e Paço-de-Sousa fica no Douro, que também é terra dele!

Mais 100\$00 no Espelho da Moda, mais 20\$00 no mesmo depósito. Roupa usada, também ali foi ter um sobretudo; mais roupas brancas, mais um pacote idem, mais uma farda da Mocidade. Antes de passar além, quero fazer pausa e agradecer esta oferta preciosa, sem desprimor das mais. Outro pacote de roupas e uma gabardine. Mais um pacote de escovas de esfregar, mais um pacote de drogas para o nosso dispensário, de alguém que já tinha oferecido medicamentos no valor de dois mil escudos. Mais do pessoal da Vacuum 50\$00 depositados no Banco Espírito Santo em c/c da Casa do Gaiato; — estes são os que dão mais. Mais uma migalha de um estudante de Lisboa.

Mais, no peditério da igreja de Nossa Senhora da Conceição, ás missas das 12 e das 13, — 8 contos redondos, uma moeda de ouro de 20 francos, um anel precioso, o melhor que tenho topado dentro da saca das esmolas, uma bolsa de prata de alguém que lançou tudo quanto tinha e um selo de meio tostão; — quem sabe se esta foi a maior oferta?!

Enquanto prégava dentro da igreja, fóra dela, gaiatos de carne e osso, apregoavam gaiatos de papel. Venderram tudo. Receberam muit s esmolas. Chegaram a Casa contentes.

Temos ainda as igrejas do Bonfim e do Carvalhido, cujos Párocos nos abrem a porta, generosamente; e com elas, termina o ciclo dos peditérios nas Igrejas da cidade, por este ano. Depois da Páscoa vou para os pulpitos de Coimbra e a seguir, no verão, costume ir bater luras pelas Termas, Praias e Hotéis de Categoria. Temos necessidade imediata de escovas de dentes. Quem nos manda uma pelo correio ou deixa no 54, aos Clérigos?

## Pão dos Pobres

O livro "Pão dos Pobres" é verdadeiramente pão dos pobres. Compra em qualquer livreiro do País. A Casa Castelo, Coimbra, é Editora.

## Frequência das ESCOLAS

O Senhor Ministro da Educação Nacional, oficializou a nossa primeira escola, segundo o Decreto 30.951 e nomeou para a sua regencia o Professor Joaquim Madureira, escolhido e proposto pela direcção da Casa do Gaiato.

A maneira que o numero de rapazes aumenta, assim vamos pedindo mais escolas e escolhendo Professores, os quais, além do ensino, têm a missão de educar e de orientar. Vivem connosco. São membros da Comunidade.

O futuro edificio de escolas da "Aldeia", prevê gabinetes de estudo complementar, além das salas de estudo elementar. Nós desejamos colocar na vida rapazes aptos em letras, artes e officios, sair tanto quanto possível da rotina do abc.

Enquanto o edificio das escolas se não constroi, as aulas funcionam em uma parte do antigo cenobio Beneditino, onde atualmente habitamos.

## ASSINANTES

Em particular aos de "Oliveira de Azemeis", como são um grande numero e todos angariados por uma só Pessoa, peço o favor de lhe entregarem a quantia com que cada um deseja subcrever, no que me auxiliam consideravelmente.

«O Gaiato» não tem preço; está na generosidade de quem assina. Temos recebido cartas a pedir o jornal, "mas só posso dar X".

Pois remete-se o periodico por esse X. Nós levamos a muito alto a boa vontade de quem oferece estes pequeninos nadas. O que importa, é erguer a Creança da viela. Sacudir, alvoroçar, tocar as consciências, combater o bom combate — pedir ao mundo que seja mais humano.

A loucura de Paulo de Tarso, era prégear aos gentios Jesus crucificado; a minha, é pregar aos cristãos a Creança abandonada. «O Gaiato» é um missionário; recebe tudo quanto lhe derem sem discutir, — até nada.

Tudo quanto se receba, é tomado à conta de contribuição voluntária para a "Obra da Rua". Poderia mandar o cobrador impertinente, como é da praxe; mas não. Vai o jornal catita.

## Notas Soltas

O Manuel de Rio Tinto é o recoveiro do Albergue Distrital. Tem mais anos e mais tino; anda nos catorze. Já foi buscar, até á data, 18 Pequeninos albergados. O Parda sem-rabo, um ex-albergado, anda a morrer por ir também e promete corrigir-se de todos os defeitos, para ter essa dita.

O Luciano escreveu um postal a um seu antigo companheiro de Coimbra, a dizer: *deixa a vida de moínice, nós aqui somos felizes. Já me acostumei a trabalhar.* Este foi o mesmo que teve há dias um desabafo adoravelmente garoto: — *se continuasse a andar na moínice de Coimbra, trazia piolhos no corpo e um relógio na barriga...*

Este compreendeu depressa. A outros leva mais tempo, mas também se lhes faz luz, por muito os amar. Só o amor convence.

REDACÇÃO

Casa de

P A C C

W W W

E R A

E

mao de 1

numeros.

Um

Imprensa

um almo

riantes,

seguinte

lugar del

Senhoras

trana, nã

que vão

almoço e

após o s

cia mand

do dito l

a rua, es

bem. A

absoluta

Estão d

apruman

sacrificio

sobre-m

não mer

reiam.

aproveit

pequeni

A sir

As senh

siadas; e

do luga

espreitar

estaimac

Terr

estão ar

sua, até

dos dis

destas c

não se

assisten

Novo

quanto

o dia a

pode ch

frente c

caridad

andam

mal que

espécie

Nen

analfab

bilidade

até, bu

pontos

enaltec

Tud

certo.

E'

aos pre